

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição
- b) Modalidade de pesquisa
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
 - Área (escreva a área): Filosofia
 - Tema/modalidade de pesquisa (escreva qual): Hermenêutica

A DIALÉTICA NA CATEGORIZAÇÃO NA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: O MOVIMENTO DA PALAVRA AO CONCEITO

Maria do Carmo Galiazzi¹, Robson Simplicio de Sousa²

¹Universidade Federal do Rio Grande - FURG
mcgaliazzi@gmail.com

²Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
robsonsimplicio@hotmail.com

Resumo

Neste texto, pretendemos compreender mais da Análise Textual Discursiva. Para ampliarmos a compreensão sobre a categorização na Análise Textual Discursiva, partimos da pergunta “O que é isto: a dialética na categorização na Análise Textual Discursiva?”. Inicialmente, discutimos a compreensão alcançada do conceito dialética e, posteriormente, apresentamos a palavra dialética na obra Análise Textual Discursiva. A seguir, apresentamos as categorias intermediárias resultantes da Análise Textual Discursiva realizada. A primeira reúne unidades que mostram a dialética no processo de unitarização e de categorização com início nos códigos, separação, classificação e ordenamento, em um movimento dialético entre ordem e desordem. A segunda engloba o modo de teorizar na pesquisa com movimentos entre teorias a priori assumidas pelo pesquisador, o conhecimento tácito do pesquisador, e teorias emergentes. A terceira categoria mostra o movimento entre processos indutivos, dedutivos com atenção a processos intuitivos e auto-organizados na pesquisa. O resultado deste estudo encaminha a Análise Textual Discursiva para o caminho metodológico da dialética e da hermenêutica na análise.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva. Categoria. Dialética

Abstract

In this text, we intended to understand more about Discursive Textual Analysis. To broaden the understanding of categorization in Discursive Textual Analysis, we start with the question "What is this: the dialectic in categorization in Discursive Textual Analysis?". Initially, we discuss our reached understanding of the concept of dialectic and, later, we present the word dialectic in the Discursive Textual Analysis work. Next, we present the intermediate categories resulting from the Discursive Textual Analysis. The first brings together units that show the dialectic in the process of unitarization and categorization beginning with codes, separation, classification and ordering, in a dialectical movement between order and disorder. The second includes the way of theorizing in research with movements between *a priori* theories assumed by the researcher, the tacit knowledge of the researcher, and emerging theories. The third category shows the movement between inductive,

deductive processes with attention to intuitive and self-organized processes in research. The result of this study leads the Discursive Textual Analysis to the dialectic and hermeneutics methodological path of analysis.

Keywords: Textual Discursive Analysis. Category. Dialectic

Introdução

Poetas e tontos se compõem com palavras.¹

A Análise Textual Discursiva é uma metodologia de análise de textos e discursos na pesquisa qualitativa. A obra que a apresenta e desenvolve teoricamente é o livro *Análise Textual Discursiva* (Moraes & Galiuzzi, 2007; 2011; 2016). Uma de nossas premissas nos estudos da Análise Textual Discursiva está na palavra como lugar de significados e sentidos sempre possíveis de maior compreensão. Por isso, como pesquisadores, como os poetas e os tontos - como diz Manoel de Barros -, somos compostos pelas palavras que sabemos, que usamos, que ouvimos, que falamos, que escrevemos.

Na busca de ampliarmos compreensões acerca da Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes & Galiuzzi; 2007; 2016), mostraram-se, anteriormente, como fenômenos de estudo a descrição e a interpretação em teses em *Educação em Ciências* (Sousa, Galiuzzi & Schmidt, 2016), a influência da hermenêutica filosófica (Sousa & Galiuzzi, 2016) e o modo de elaboração das categorias nesta metodologia de análise (Sousa & Galiuzzi, 2017). Com esse trabalho, compreendemos que a categoria é exigência do método e este é um modo operativo de desencadear a lida com o material empírico. Entretanto, o fenômeno exige do pesquisador uma ampliação do operativo em direção ao modo perceptivo e intuitivo na análise (Sousa & Galiuzzi, 2017).

Apresentamos neste artigo, ainda decorrente da categorização sobre o termo “categoria”, um fragmento do segundo metatexto em que nos dedicamos ao fenômeno “a dialética na categorização”. A dialética como característica do modo de fazer pesquisa qualitativa foi destacada na tese de Moraes (1991), autor da ATD, e isso se expressa na pergunta fenomenológica que orientou este texto: “O que é isto: a dialética no processo de categorização na Análise Textual Discursiva?”. Mostramos, a partir da ATD, um fragmento da compreensão alcançada de como se mostra a dialética em seus significados enquanto

¹ As epígrafes que abrem cada seção no texto são parte do poema *Retrato Quase Apagado em que se Pode ver Perfeitamente Quase Nada* no livro *O Guardador de Águas* de Manoel de Barros de 1981.

reivindicação metodológica nos procedimentos de categorização da própria ATD e vamos em direção à ampliação de significados por círculos virtuosos hermenêuticos (ROHDEN, 20012).

A metodologia de análise para responder a pergunta seguiu as orientações da obra *Análise Textual Discursiva* (Moraes & Galiazzi, 2007; 2016) com o suporte do software Atlas.ti (Ariza et al., 2015). Ao longo do metatexto, as unidades de significado estão codificadas com “US6:X” em que US é referente à unidade de significado extraída do livro de ATD (Moraes & Galiazzi, 2004, 2007; 2016), nosso corpus de análise, 6 é número do documento primário com o qual trabalhamos no Atlas.ti e “X” é referente à ocorrência numérica da unidade de significado no texto. Algumas unidades de significado do texto de ATD foram apenas indicadas em função de uma adequação textual.

Este texto foi rearranjado intencionalmente para dar maior visibilidade às necessidades descritivas e interpretativas exigidas pelo fenômeno. Inicialmente, traremos uma síntese do estudo sobre a palavra dialética. A seguir, descreveremos os sentidos que a palavra dialética tem no livro de ATD. Assim, recursivamente suas partes foram rearranjadas, retrabalhadas, relidas e reescritas em círculos virtuosos como sugere a hermenêutica (ROHDEN, 2012).

Diálogos sobre Dialética

*No que o homem se torne coisa — corrompem-se nele
os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um
inauguramento de falas.
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.*

A palavra dialética é uma das tantas palavras que como Manoel de Barros aponta na bela poesia tem um conjunto de vareios no dizer. Assim, buscamos estes significados para iniciar a compreensão da palavra ao conceito.

A palavra dialética, do latim, *dialectica*, deriva do grego *dialektiké*, e está associada, etimologicamente, à “arte de raciocinar, à lógica” e à “discussão” (CUNHA, 2010). Em outras acepções dicionarizadas, significa a arte de discutir e usar argumentos lógicos, especialmente por perguntas e respostas. O sentido da argumentação tanto pode ser tanto num sentido laudativo como num sentido pejorativo, com emprego de sutilezas. É um termo muito usado

na Filosofia, e significa, genericamente, oposição, conflito originado pela contradição entre fenômenos empíricos ou princípios teóricos. (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2010).

Ao longo da história, a palavra dialética tem sido usada com diferentes significados em correntes filosóficas distintas. No platonismo, significa diálogo, debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade, indo das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias. Para Aristóteles, é um raciocínio lógico, que embora tenha coerência interna, está fundamentado em ideias apenas prováveis, tendo em seu âmago a possibilidade de ser refutado. Para Kant, a dialética é um raciocínio fundado em uma ilusão natural e inevitável da razão, que, por isso, permanece no pensamento, mesmo quanto refutado ou envolvido em contradições. Hegel assume a realidade dialética, considerando-a sempre como um movimento incessante e contraditório, condensado em três momentos sucessivos: tese, antítese e síntese. Estes momentos se manifestam em todos os fenômenos do mundo material e Marx desenvolve a dialética materialista aplicada ao movimento e às contradições de origem econômica na história da humanidade, surgidas a partir dos antagonismos das classes, no processo de produção social. (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2010).

O termo dialética deriva de diálogo, entretanto, na história da Filosofia, ele não possui significado unívoco, como já dito. Foi nos gregos que se situou inicialmente a dialética como a arte do diálogo. Aristóteles atribuiu a Zenão de Eléia a fundação da dialética. No entanto, Zenão era um seguidor de Parmênides e, assim, era contrário à ideia de realidade como devir e elabora seus argumentos contra o movimento e a multiplicidade do ser, pois o Ser é, de acordo com Parmênides. (PAVIANI, 1997)

Platão aponta para uma segunda via para a gênese da dialética, o devir de Heráclito, que foi contemporâneo de Parmênides. Platão fala da dialética também como ciência dos opostos que pode empregar recursos lógicos ou analíticos em seus desenvolvimentos iniciais e parciais, mas que se constitui como a ciência dos opostos, conservados e superados, pela Idéia final ou síntese de Bem ou Uno (PAVIANI, 1997). Agregou-se ao significado da arte do diálogo a contradição, o modo de pensar as contradições da realidade e em permanente transformação. Com este significado, Heráclito foi o pensador mais radical. Para este filósofo os opostos se transformam uns nos outros. Assim, dia se transforma em noite que volta a se transformar em dia. Vida em morte, juventude em velhice (KONDER, 1981). Heráclito, no

entanto, não aponta para a necessidade de uma síntese, aspecto apontado por Platão. O exame nos diálogos de Platão, aponta, ao mesmo tempo, o abandono dos argumentos lógicos e a elaboração de processos dialéticos (PAVIANI, 1997), como veremos a seguir.

A fim de melhor compreendermos as acepções da dialética em diferentes correntes filosóficas, recorreremos a Abbagnano (2012) que aponta quatro significados fundamentais à dialética: i. *dialética como método da divisão* - atribuída a Platão; ii. *dialética como lógica do provável* - atribuída a Aristóteles; iii. *dialética como lógica* - atribuída aos estóicos - e; iv. *dialética como síntese dos opostos* - atribuída a Hegel.

Na *dialética como método de divisão*, atribuída a Platão, a dialética “é a técnica de investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder” (ABBAGNANO, 2012, p. 315). Para Platão, a filosofia era tarefa de homens que “vivem juntamente”, uma atividade própria de uma “comunidade da educação livre” em que a dialética é o ponto mais alto a que se pode chegar a investigação conjunta. Para ele, a dialética é composta de dois momentos: a) remeter as coisas dispersas a uma ideia única e em defini-la de modo que possa ser comunicada a todos; b) dividir de novo a ideia em suas espécies, seguindo suas interações naturais - o método da divisão. No primeiro caso, a dialética se situa além das ciências particulares, pois considera as hipóteses das ciências como ponto de partida para chegar aos princípios. No segundo caso, o procedimento dialético pode se deparar com uma única ideia que abarque muitas outras, pode a partir de uma ideia reduzir muitas ideias à unidade e pode ainda fazer com que muitas ideias permaneçam totalmente distintas entre si. Por isso, em Platão, “A dialética consiste em reconhecer, nas situações que se apresentam, qual dessas possibilidades é a apropriada em proceder coerentemente” (ABBAGNANO, 2012, p. 316).

A partir dessa dialética platônica, Gadamer (2015) compreende que Platão nos mostra o quão difícil é reconhecer que não se sabe. Ele alerta, contudo, que:

A arte da dialética não é a arte de ganhar de todo mundo na argumentação. Ao contrário, é perfeitamente possível que aquele que é perito na arte dialética, isto é, na arte de perguntar e buscar a verdade, apareça aos olhos de seus ouvintes como o menos indicado a argumentar. A dialética como arte de perguntar, só pode se manter se se aquele que sabe perguntar é capaz de manter suas perguntas, isto é, orientação para o aberto. A arte de perguntar é a arte de continuar perguntando; isso significa porém, que é a arte de pensar. Chama-se dialética porque é a arte de conduzir uma autêntica conversação. (GADAMER, 2015, p. 478)

Na *dialética como lógica do provável*, atribuída a Aristóteles, a dialética é simplesmente um procedimento racional não demonstrativo, em que o silogismo é dialético, partindo de premissas prováveis, ao invés de verdadeiras. Por “provável”, Aristóteles entendia como aquilo que parece aceitável a todos, à maioria ou aos sábios.

O motivo do uso do termo “dialética” nesse sentido é explicado pelo próprio Aristóteles dizendo que, “enquanto a premissa demonstrativa é a assunção de uma das duas partes da contradição, a premissa dialética é a pergunta que apresenta a contradição como alternativa” (An. pr., I, 1, 24 a 20 ss.), e assim faz certa referência ao diálogo. (ABBAGNANO, 2012, p. 316)

Para Gadamer (2015), Aristóteles entende a dialética como a faculdade de investigar os opostos, mesmo independentemente de seu cerne e de investigar se pode haver uma e a mesma ciência para coisas opostas. Por isso, Gadamer entende que a teoria aristotélica permite reconhecer uma primazia da pergunta no movimento dialético. Por conta de Aristóteles e sua influência é que não se abandonaram os estudos sobre o lado dinâmico e mutável do real (KONDER, 1981).

O terceiro significado, *a dialética como lógica*, é atribuído aos estoicos que a identificaram como a lógica geral. A dialética estoica, a mais difundida na Antiguidade e na Idade Média, seria a ciência do discutir corretamente nos discursos que consistem em perguntas e respostas, partindo de premissas hipotéticas - que também para Aristóteles dão o caráter dialético ao raciocínio. Diferencia-se de Aristóteles, pois, para os estoicos, a “teoria do raciocínio não permitia, pois, a distinção entre premissas necessariamente verdadeiras e premissas prováveis em que, segundo Aristóteles, se fundava a distinção entre silogismo demonstrativo e silogismo dialético” (ABBAGNANO, 2012, p. 315). A dialética medieval não se contentava em elencar prós e contras, tomando a seguir a própria decisão, mas acabava envolvendo todos os argumentos, que, segundo, Gadamer (2015, p. 476) “repousa na pertença íntima entre ciência e dialética, isto é, resposta e pergunta”.

Os estudos da dialética ficaram sufocados pela igreja durante a época medieval. No entanto, com as mudanças sociais e científicas, a Terra já não era mais o centro do Universo nem o repouso era o estado natural dos corpos, mas o movimento. O ser humano foi considerado capaz de dominar a natureza e modificá-la criativamente. Assim, foi no Renascimento que a dialética conquistou seu caráter de estudo do instável, do dinâmico e do

contraditório da condição humana. O ser humano poderia ser conhecedor de sua história isso exigiu um método para a compreensão da realidade histórica, o método dialético, o que fez com que o pensamento dialético permanecesse em diferentes pensadores sempre com a ideia de movimento e de transformação de uma coisa em outra. (KONDER, 1981)

Denis Diderot (1713-1784), filósofo do Iluminismo, contribuiu com a dialética, pois compreendeu o condicionamento do indivíduo às mudanças da sociedade em que vivia. Foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que confiava mais na natureza do que na razão humana, a ponderar sobre a necessidade de uma democratização da vida social. Rousseau sabia que as mudanças sociais profundas, realizadas por sujeitos coletivos, não costumam ser tranquilas; sabia que as transformações necessárias seriam, como se mostraram, tumultuadas. Tanto Diderot quanto Rousseau eram opositores da ordem conservadora da época. (KONDER, 1981)

No final do século XVIII e no começo do século XIX, os conflitos políticos já não eram mais abafados, alcançando a Prússia oriental, onde nasceu e viveu Immanuel Kant (1724-1804). Para Kant, a consciência humana não se limita a registrar passivamente impressões provenientes do mundo exterior. Ela sempre é consciência de um ser com ações que interferem na realidade. Konder (1981) sintetiza esta guinada no sentido dado à dialética, apontando para a tentativa de responder a pergunta sobre o que é o conhecimento. Em seu trabalho Kant percebeu que as contradições são inextricavelmente ligadas ao pensamento humano.

O quarto significado apontado por Abbagnano (2012), *a dialética como síntese de opostos*, foi formulado especialmente por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), sendo por ele considerada como a própria natureza do pensamento e por sua identidade com o real, os resultados da aplicação do método dialético são pensamentos concretos. Hegel viu os primórdios de seu pensar a dialética em Heráclito. Na filosofia moderna, é o significado hegeliano o mais presente e foi utilizada como já posto no texto por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), mas ao significado idealista de Hegel, Marx se contrapôs pois no conceito hegeliano a consciência é e permanece na consciência, não alcançando o objeto, a realidade e a natureza a não ser no pensamento e como pensamento. Este quarto significado é o mais criticado porque serviu de explicação como fórmula capaz de justificar o passado e o que se prevê para o futuro. Muitos filósofos fizeram referência a este quarto significado da

dialética, entre eles Kierkegaard, Sartre, Althusser, Adorno entre tantos. Foucault, no entanto, passou a recusá-la veementemente, pois a dialética hegeliana ou marxista, segundo ele, reduz um conjunto inumerável de contradições a uma contradição principal que se resolve pela proposição lógica de uma síntese (RAMOS, 2015).

A dialética hegeliana enquanto método filosófico buscou desenvolver a totalidade das determinações do pensar. Em outras palavras, dentro do monólogo que se constitui o “método” moderno é a tentativa de abranger a continuidade de sentido proporcionada àqueles em diálogo. Ao flexibilizar as abstrações do pensar, diz Gadamer (2015, p. 482), Hegel “refundiu sua lógica na forma de realização da linguagem, o conceito, na força de sentido da palavra que pergunta e responde”. E complementa que “A dialética hegeliana é um monólogo do pensar que busca produzir, previamente, o que pouco a pouco vai amadurecendo em cada conversação autêntica” (GADAMER, 2015, p. 482).

Hegel agregou ainda outro sentido à dialética, pois, da mesma forma que Kant, concordava que o ser humano está sempre interferindo na realidade. Foi Hegel que trouxe a ideia de que o trabalho impulsiona o desenvolvimento humano. É no trabalho que o homem produz a si mesmo. O trabalho permitiu a expressão da ação criadora, do domínio da natureza e isso se tornou foco de reflexão de Marx, que superou - dialeticamente - as posições de seu mestre. Marx se aliou a Hegel na ideia de que o trabalho transforma e desenvolve o ser humano, no entanto, chamou atenção para a importância do trabalho físico, material. O trabalho é a atividade pela qual o homem domina as forças naturais, transforma a natureza e por ele o ser humano cria a si mesmo. (KONDER, 1981, p. 317)

Consideramos que este movimento da palavra em direção ao conceito (ROHDEN, 2012) tenha sido, por ora, suficiente para uma tomada de decisão, embora finito e inconcluso e esta decisão se apoia em Almeida (2000, p. 104) ao afirmar que:

A hermenêutica assume a linguagem como a verdadeira concretização do pensamento, vendo nisto uma herança platônica-aristotélica da dialética grega; portanto, o universal hermenêutico está marcado pela insuficiência imanente à linguagem humana; insuficiência que não leva o diálogo a um fechamento final, mas ao contrário, possibilita sua continuidade sempre. Trata-se de uma insuficiência ontológica. (Almeida, 2000, p. 104)

Chegamos a dois opostos: os que a afirmam e os que a negam. Decidimos assumir o primeiro grupo de significados sem negar que existem seus antagonismos, pois a ATD

expressa em sua obra concordância com a palavra e seus sentidos e esta é a pergunta da pesquisa que nos move. Não se mostram os limites da dialética ou seus antagonismos. Para entender as razões do antagonismo será preciso outro estudo que foge ao objetivo deste texto.

A Palavra Dialética na Análise Textual Discursiva

*O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa liberdade com a luxúria convém.*

Apesar do poema dizer que é seu papel corromper o sentido normal das palavras porque isso não faz bem ao poema, faz bem à compreensão, mesmo que saibamos que alcançar o dito, a unidade, o sentido que o autor quis dizer seja a quimera muitas vezes presente em movimentos analíticos. Este não é o caso deste texto que busca a compreensão a partir do que se mostra, no caso em estudo, do que se mostra da palavra dialética.

A palavra dialética aparece pela primeira vez no livro de Análise Textual Discursiva no capítulo denominado *Tempestade de Luz* em que se mostra uma atitude fenomenológica na pesquisa.

Prestar atenção às perspectivas dos participantes, valorizar argumentos qualitativos, movendo-se do verdadeiro para o verossímil, daquilo que é provado por argumentos fundamentados na lógica formal para o que é fundamentado por meio de uma argumentação dialética rigorosa (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 20).

Parece-nos que a ATD sendo metodologia de análise se aproxima aqui de um sentido aristotélico da dialética com as premissas verossímeis, diferente de outros sentidos em que as premissas são consideradas verdadeiras. No mesmo texto, o sentido de dialética presente remete a pensar como o pesquisador compreende a realidade. Neste primeiro texto, a realidade é entendida como dialética, em permanente movimento de superação.

Captar essa dinâmica da realidade é conseguir compreender e descrever o movimento contraditório da realidade, em que novas teses emergem continuamente a partir do questionamento e superação de antigas teorias. Ou seja, o sentido do movimento e da contradição se mostra no texto. (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 28)

Considerar a realidade dialética, a nosso ver, é considerá-la em movimento, na dinâmica da transformação como posto por Heráclito e não em apenas dois polos. Ao comparar a ATD com a AD e a AC, o texto a aproxima mais da compreensão interpretativa do que da dialética marxista, aproximando-se mais da hermenêutica de Gadamer do que da dialética de Habermas, como já mostramos em Sousa e Galiazzi (2016). Assim, entendemos que a dialética está mais na ideia da contradição e do movimento do que no foco do trabalho como categoria transformadora da natureza e da invenção do ser humano em si, esta última mais de acordo com a dialética marxista, a primeira com a dialética fenomenológica (Moraes, 1991). O compromisso da ATD é com a produção e construção de compreensões em movimento da realidade dinâmica e instável, combinando, assim, hermenêutica e dialética.

Sobre fragmentar para analisar ou analisar o todo, o primeiro recebendo muitas críticas nas pesquisas qualitativas, há na ATD uma recusa à fragmentação. Recusando-se a fragmentar, formam pares característicos da ATD: descrição e interpretação, compreensão e crítica, leitura do manifesto e do latente, partes e todo e teorias emergentes e teorias *a priori*. Está no texto analisado esta articulação entre a compreensão alcançada pela escrita recursiva e a superação (US6: 184) (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 201).

Ao apresentar a ideia de superação remete ao sentido hegeliano da dialética em seus três momentos, tese, antítese e síntese. No entanto, ao compreender mais a ATD estamos mais próximos da superação pela fusão de horizontes de Gadamer. Ou seja, quando aprendemos algo diferente do que sabíamos, sabemos mais sobre o conceito e não abandonamos significados anteriores, pois estes significados permanecem na nossa história. A ATD aposta que:

compreender além do já dado ao entendimento exige um olhar aguçado, com intenso envolvimento do pesquisador como sujeito e intérprete, envolvendo imaginação para vencer as sombras que cercam os fenômenos em sua profundidade. Na dialética entre ordem e desordem vão emergindo novos entendimentos dos fenômenos investigados, sempre com intensa participação do pesquisador e de suas autorias. (US6: 186) (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 249)

Assim, apropriar-se da ATD exige lidar de uma nova forma com a relação sujeito-objeto nas pesquisas, implicando uma aproximação dialética entre eles (US 6:185) (MORAES & GALIAZZI, 2007, p. 248).

Assim, na obra analisada, os sentidos de dialética transitam entre o movimento de contrários como apresentaremos nas categorias intermediárias a seguir. Está presente também o sentido de síntese e superação e nos movemos em direção à fusão de horizontes da hermenêutica. A ATD traz fortemente uma dialética com sentidos em Heráclito especialmente, uma dialética fenomenológica como a assumia Moraes (1991). Nos movimentos analíticos da ATD, mas não há, como afirma Stein (1983), um ponto arquimédico entre eles. Estão juntos dialeticamente no movimento.

Considerações finais

O que apresentamos neste texto está inserido em uma pesquisa mais ampla que busca compreender a ATD em seus pressupostos e procedimentos. Dentro deste problema, estudou-se na obra que a desenvolve a categorização e dentro dela uma de suas características: um movimento dialético. Partimos, inicialmente, da palavra como se apresenta na ATD indo em direção ao conceito e, neste movimento, compreendeu-se a diversidade de significados do conceito e, ao mesmo tempo, os sentidos dados à dialética na ATD. Eles estão mais próximos do pensamento de Heráclito e de Platão do que da dialética marxista, embora esteja também presente na obra analisada a ideia de síntese presente na dialética de Hegel e da superação em Gadamer como fusão de horizontes.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ALMEIDA, C. L. S. **Hermenêutica e Dialética**: Hegel na perspectiva de Gadamer. IN: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans Georg Gadamer*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2000, p. 61 - 115.
- ARIZA, Leidy G. A. et al. **Relaciones entre el Análisis Textual Discursivo y el software ATLAS.ti en interacciones dialógicas**. *Campo abierto: Revista de educación*, Badajoz, v. 34, n. 2, p. 105-124, dic. 2015.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- KONDER, L. **O que é dialética**. Coleção Primeiros Passos, v. 23. 28 ed. Brasília : Editora Brasiliense, 2012.

- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba:Positivo, 2010.
- GADAMER, H.-G. Sobre o círculo da compreensão. In: ALMEIDA, C. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**, Porto Alegre : EDIPUCRS, 2000, p. 141-150.
- _____. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- MORAES, R. **A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores**. 1991. 398f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual: discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- _____; _____. **Análise textual: discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- _____; _____. **Análise textual: discursiva**. 3. ed. Rev. e Ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- PAVIANI, J. A gênese da dialética em Platão. In: BOMBASSARO, L. C.; PAVIANI, J. (Org.). **Filosofia, Lógica e existência**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. 456p. p. 97-104
- RAMOS, I. G. **Genealogia de uma operação historiográfica: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros da época de 1980** [Online]. São Paulo, Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 623 p.
- ROHDEN, L. Filosofando com Gadamer e Platão. **Dissertatio**. Pelotas, v. 36, p. 105-130, 2012.
- SOUSA, Robson S.; GALIAZZI, Maria C.; SCHMIDT, Elisabeth B. **Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências**. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.
- SOUSA, Robson S.; GALIAZZI, Maria C. **Compreensões acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico- Metodológicas à Investigação**. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 31, n. 100, set./dez. 2016.
- SOUSA, Robson S.; GALIAZZI, Maria C. **A Categoria na Análise Textual Discursiva: Sobre Método e Sistema em Direção à Abertura Interpretativa**. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017.
- STEIN, Ernildo. **Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em Filosofia**. *Síntese: Revista de Filosofia*, v. 10, n. 29, p. 21-49, 1983.